

O Amigo do Povo

ASSIGNATURAS
Serie de 12 numeros 2\$000
(Pagamento adiantado)

Toda a correspondencia deve ser dirigida a NENO VASCO
RUA GUILHERME MAW, 38 — S. PAULO — BRAZIL

PUBLICA-SE AO SABBADO

SEMPRE OS MESMOS

Noutros tempos, quando o senhor feudal era dono das vidas e fazendas de seus vassallos, e estes se prestavam humildemente á mais humilhante escravidão, contendiam senhores com senhores, tiranos contra tiranos, que estupidamente se consideravam seres superiores aos outros homens, porque haviam tido a fortuna de nascer d'uma mãe, mais ou menos honrada.

O nécio feudal, cujo saber se reduzia a algumas fórmulas de vãs práticas de boa sociedade, exigidas pela educação do *sangue*, nunca conheceu outra coisa além da casa *ilustre* de que procedia. Muito poucos aprenderam os primeiros rudimentos d'uma sciência. Raros foram os que aprenderam a ler. Educados na guerra e para a guerra, difficilmente sabiam de outra razão que não fosse o bote d'uma lança ou a tẽmpera d'uma espada, instrumentos que resolviam todos os pleitos e a que confiavam os seus desagravos. Quanto mais forte fosse o golpe descarregado sobre o adversário, mais razão tinha o que o dava. Com tais processos dignos de lobos, julgavam-se honrados e a sua honra subia a par do número dos combates vencidos. Pobre da virgem ou da prostituta nobre, que de tudo houve, que não contasse com um campeão bastante vigoroso, bastante brigão, que defendesse a sua honra! Pobre do ancião, bom ou infame, que não dispusesse, entre os seus adeptos, d'algum forte varão capaz de defende-lo! A sua causa perdida, a sua deshonra imediata!

Com tal ideia da honra e do direito, foi-se formando esta sociedade, que, embora com formas diversas, conserva os caracteres distintivos d'aquelles tempos selvagens. Aos botes de lança e ás espadas de tẽmpera, succedeu a espada suprema, a que reina em todas as esferas: o *oiro*. A' escravidão deu-se-lhe outra forma, mais livre na aparência, mas de igual resultado na prática: o *salário*. A honra, que se avaliava pelo número de vítimas que cada um fazia em *boa lide*, passou a ser medida pela quantidade de metal precioso que se possui, por mais hipocrisias e infâmias que tenha custado a sua aquisição. Ninguém se permite duvidar da honradez de quem dispõi d'alguns milhõis.

Tudo mudou na forma; mas a essência ficou, e o proletário continua como sempre humilhado, numa degradante escravidão. Mudanças houve, é verdade: o valor e a força física foram substituídos pela astúcia e pela surpresa; com estas transformações o operário vem perdendo muito; e os modernos feudais e seus sequazes unem-se para fazer a guerra ao proletariado, que começa a despertar, protestando contra a iníqua exploração de que é objecto.

Naquelles tempos de supina cegueira, a de cima igual á de baixo, idêntica nos senhores e nos vassallos nos opressores e oprimidos, a ignorância era um firme apoio d'esse estado de coisas, pois os escravos defendiam a sua própria escravidão. No nosso século, os tiranos são ilustrados; têm a sufficiente habilidade, fundada na nossa ignorância, para adiar o triunfo da razão; mas nem todo o proletário é ignorante. Começa a conhecer os seus verdugos, a sua consciência começa a despertar, e d'esta vai nascendo uma aliança estreita.

Aproveitai, ó dominadores, devorando o fruto das vossas rapinas e do nosso trabalho, o pouco tempo que vos resta para o gozo do vosso roubo omnímmodo. Apertai bem as cadeias, torturai-nos, encuralai-nos, se quereis, sitiái-nos com a fome, se vos agrada: aumentai á caldeira as atmosferas de pressão, que assim acelerai a explosão que ha-de exterminar-vos. Ao manejo hipócrita, preferimos a luta franca, embora alguns pereçam na contenda. A razão e a justiça — o nosso pendão — vencer-vos-ão quando menos o penséis.

Contra o bárbaro direito de penada e outros infamantes privilégios feudais lutaram os nossos antepassados e foram vencidos os senhores da terra. Para arrebatardes os privilégios que roubais, para alcançar o abolição iníqua da mais infame das explorações — a exploração do homem pelos seus semelhantes — lutaremos nós sem tréguas nem descanso.

Por isso fazeis bem em estreitar-vos, em promulgar leis de repressão para estorvar o redentor movimento do proletariado universal, que contemplais assustados, pelo que elle reclama nas suas reivindicações.

O banditismo legal nem sempre ha-de existir; o seu extermínio está decretado. Apesar das vossas habilidades e dos vossos narcóticos, ou em luta declarada, haveis de ser vencidos. Quando? Logo que dos nossos olhos caia completamente a venda da nossa cegueira...

JUAN BAPTISTA PEREZ

Crónica Fluminense

A Greve dos Marceneiros

O movimento operário do Rio de Janeiro parece inclinado agora a abandonar o seu infantilismo habitual para entrar no caminho da realidade que é o da luta. A greve mais ou menos victoriosa dos tipógrafos, limitada ao pessoal d'uma oficina apenas, succedeu a greve dos marceneiros que, pode dizer-se, se estende á classe inteira, visto que, sendo esta composta d'uns mil operarios, os adherentes ao movimento grevista atingem actualmente 800.

Apesar, porém, da indiferença e opposição que lhes manifestaram os patrões, as suas pretensões são assás limitadas. Reclamam a restituição da tabella de preços que vigorou até 1901 e que, d'então para cá, tem abaixado cerca de 30%. Pensam também, ante o silêncio dos patrões e a sua necessidade de trabalhar, com o oferecimento d'um so-

cialista e capitalista, segundo a expressão do meu digno e atenciosissimo informante, em montar uma oficina sua, onde trabalha em de accordo com o que desejam, dando como garantia do capital empregado na aquisição dos instrumentos necessários, a mesma oficina, que terá o titulo de *Officina Tipo*.

É inegável que a razão, o direito e a justiça estão unidos ao lado dos grevistas, como quase sempre. Mas que vale tudo isso ante a força bruta do Capital e da Autoridade? Moralmente, tudo, mas materialmente, nada. Do quanto valem, ante a moral, esses dois deuses modernos, já os marceneiros — por uma cilada tão ardilosa quanto infame que ambos lhes haviam preparado — podem fazer uma pequena ideia.

A greve, entretanto, continúa em pé. Os reclamantes parecem estar definitivamente dispostos a resistir, a vencer o inimigo, a atingir o triunfo. E oxalá sejam os seus esforços, tão justos quanto levantados, coroados pela victória, que é, de resto, a única recompensa dos valentes, dos lutadores.

Urge também que os operários do Brasil em geral e os marceneiros em particular corram em seu socorro, não só com o apoio moral e recusando-se a substituí-los, mas ainda com o envio de dinheiro para ocorrer ás necessidades mais cruas d'alguns dos seus companheiros de quem a miséria mais se apoderar, pois a sua caixa de resistência, nova e pobre, pouco poderá fazer.

Esta e semelhantes campanhas, onde, a despeito de heroicos sacrificios, abnegações extremas, e da própria victória, os trabalhadores terão afinal de succumbir, de perder, mais ou menos declaradamente, serão, digo, o inicio, a introdução á grande, á monumental obra que elles estão destinados a efectuar no futuro.

Uma desillusão hoje, outra amanhã, sobre a fama, a justiça, o direito, a moral evangelizados pelos magnos sacerdotes da escravidão do homem, que os cidadãos que perversamente se têm inculcado, enertado no cérebro dos trabalhadores desde a mais tenra idade, irão construindo a grande consciencia, os grande espirito pratico, forte e irredutível com que os, trabalhadores hão-de finalmente destronar os seus algozes e os seus carrascos.

Que se unam, pois, os marceneiros com essa aliança espontânea e firme que surge da necessidade de minorar a comum miséria e de que os irracionários e os selvagens nos dão tão palpável exemplo, porque o seu triunfo será certo, pois a força estará de seu lado. E na guerra, meus amigos, a única Razão, a única Justiça, a única Verdade — é a Força.

A'vante, pois! A razão, o direito e a justiça são vossos por natureza. Coragem e Força — é o que vos desejam os anarquistas.

Rio, 11—VIII—1902.

Noite Assumprão

O primeiro de todos os bens não está na autoridade, mas na liberdade.

JEAN JACQUES ROUSSEAU

EFEMÉRIDES

Agosto: 3 (1898) — Greve dos operários das obras da Exposição de Paris. 3 (1900) — E' preso em Lisboa, José de Macedo, director da Luta, diário socialista, que publicara um artigo sobre a morte do rei Humberto. 4 (1896) — No castello de Montjuik, os verdugos ás ordens do tenente Portas iniciam as torturas sofridas pelos anarquistas encarcerados. 4 (1900) — No Porto, são presos os camaradas Cristiano de Carvalho e Francisco Vaz, respectivamente redactor e editor de A Aurora, que é apreendida pela policia. 5 (1900) — Supressão da Luta, de Lisboa. 7 (1893) — Congresso socialista internacional de Zurik, Excomunhão dos anarquistas pelos papas Bebel e Liebknecht. 8 (1897) — Angiolillo mata em Santa Agueda (Espanha) o ministro Cánovas, que ordenára os martirios de Montjuik 15 (1872) — Em Rimini (Itália), abre-se o primeiro Congresso da Internacional. 16 (1894) Sante Caserio é guillotinado em Lião.

CRONICAS

Dois periódicos — Temos recebido o *Despertar*, excellente semanário dos nossos camaradas do Porto. O último número chegado á nossa redacção é o n. 28. Optima e variada colaboração. Quem desejar conhecer ou assinar esta magnífica folha de propaganda libertária, pode dirigir-se a esta redacção ou ao camarada Tobia Boni, rua Libero Badaró, 82.

Em casa do mesmo camarada, pode lêr-se também *O Amigo do Povo*, de Portalegre (Portugal). Este nosso homónimo manifesta largas tendências e é primorosamente redigido. No seu n. 31, referi'o é com calorosa simpatia á nossa folha. Agradecemos, retribuindo-a, a sua saudação, e exprimimos ardentemente o voto de o ver em breve emancipado dos restos de superstição politica que, a nosso ver, conserva ainda. Leiam-n'o os camaradas, e verão que é bem fundada a esperança de ver realizado o nosso sincero desejo.

Na Turquia — Num diário italiano cá da terra, lemos em telegramma de Nápoles, a noticia da descoberta d'um *complot* tramado contra o sultão da Turquia, pelos anarquistas, já se vê... Entre os terríveis conspiradores estavam dois italianos, que fugiram, e um d'elles era... o Tobia Boni! Pouco crédulos na reprodução do milagre de Santo António, que estava ao mesmo tempo em Pádua e em Lisboa, fomos, contendo, a casa do nosso camarada e colaborador vêr para crêr, como S. Tomé Boni Tobia, em carne e osso, respondeu-nos que não arreda d'aquí o pé ha vários annos, e que nunca se viu turco na sua vida. As vezes tem-se visto *grecos*, mas turco ainda não... E que banhos tinha-os em casa, não precisava de ir apanha-los no Bósforo...

Ora esta policiazinha italiana...

Bombas burguesas — Copiamos de *Tierra y Libertad*:

« Nova-York (17 m) — Um despacho de Pittsburg (Pensilvania) anuncia que nas minas de Cambria se deu uma terrível explosão, em virtude da qual fiaram nellas sepultados os 600 operários que estavam trabalhando. Crê-se que morreram uns 200 mineiros ».

« Nova-York. 11 (8,45 m.) — Novos despachos de Pittsburg, relativos á catástrofe ocorrida nas minas de Cambria, dizem que se avalia em 300 o número de operários mortos por efeito da explosão e conseqüente desmoronamento das galerias das minas. »

« Na estação de Algeciras explodiu uma máquina, resultando vários mortos e feridos.

« Note-se que estas catástrofes são evitáveis, no primeiro caso, detando as minas de galcrias de salvação, de ventiladores capazes e de luzes mecânicas, e no segundo, pondo fora de serviço as caldeiras velhas, que não ofereçam sufficiente segurança.

« Isso, porém, exige despesas que poderiam diminuir a importância dos dividendos annuais.

« Para estas companhias que assassina-m, não ha pena alguma, nem se estabelecem leis de excepção ».

Nem para ellas se fazem as injúrias dos jornais...

Entre chapeleiros — Esplendida, a festa realizada, no Casino Paulista, na noite de sábado, 9 do corrente, pela Liga de Resistência entre chapeleiros. Representou-se o drama de A. Dumas — *Una Noite a Firenze* — que, francamente, estava ali um pouco deslocado. Em seguida, disseram algumas palavras, referindo-se sobretudo á greve da fábrica de Matanó Serricchio e á de Sorocaba, os companheiros Raimundi, Valentin Diego e Benjamim Mota. Depois d'uma comédia num acto, fechou a bella festa um



baile familiar. Não havia um só logar vago; foi uma enchente completa.

Conferências — No domingo, 10, no Casino Penteadado, realizaram as suas anunciadas conferências os camaradas Alessandro Cerchiai e Benjamim Mota, falando este sobre a « Acção immoral do parlamentarismo » e desenvolvendo aquelle o tema: « Gente nuova ».

Assistiram cerca de 100 companheiros, que frisaram com palmas e bravos as passagens mais importantes dos dois discursos.

Coisas das companhias — O amigo Gaetano Lonetti, porque pedia a transferência da luz e porque não pagara o mês de julho, não lhe tendo aparecido o cobrador, foi grosseiramente insultado no escritório da companhia « Light » Quem isto souber, até é capaz de imaginar que as companhias não distribuem os seus dividendos á custa dos que trabalham. Mas que querem? Ellas mandam, ellas são rainhas...

Dois prisões — Apenas chegados a Gênova, os amigos Lorenzo Monaco e Alcibiade Battelli, redactores do *Avanti!*, ha pouco partidos para a Itália no paquete « Re Umberto », foram detidos pela policia italiana como *anarquistas perigosos*. E' o que diz um telegramma dirigido a um diário local.

Os dois *anarquistas perigosos* eram e devem ser ainda-a não ser que se convertessem no vapor, cujo nome é *realmente* suggestivo... — dois simples, pacatos e inofensivos social-democratas... E' claro que achamos a prisão estúpida e que protestamos, embora o nosso protesto seja afinal de contas, perfeitamente inútil. E queremos, como faz o *Avanti!*, notar uma coisa: os dois presos foram denunciados pela policia italiana de cá, pois que, segundo consta, os anarquistas, perigosos ou não, não se conhecem pela pinta. Cônsules italianos, secretas italianos, espias italianos, etc. Uma pândega! Então a Itália será assim tão *rica* para manter uma organização da espionagem nas duas Américas e noutras partes?..

A verdade traz em si a certeza de vencer. Mesmo na sua aurora, ella é já o triunfo, triunfo antecipado. Não ainda completamente realizado, mas conhecido d'antemão por uma elite. O seu sinal mais seguro, mais precioso, é impôr-se por si mesma. De tal modo que os que em seu nome falam escusam do horroroso gesto autoritário. Não lhe tiremos esse sinal. Propaguemo-la com todas as nossas forças, sem dúvida, mas não queiramos impô-la.

Charles Albert

Porque somos anti-parlamentaristas

Comprehendendo que aos proletários é necessário dirigirmo-nos em linguagem clara, sem pretensões á linguagem filosófica e científica, que é boa para revistas e não para semanários de propaganda, porque aos proletários negou a burguesia o ensino científico que lhes devia ser ministrado, continuaremos, apesar do que possam dizer e escrever por aí, a dizer em linguagem clara, apoiada em exemplos ao alcance de todas as intelligências, os motivos por que somos anti-parlamentaristas.

Deixaremos, pois, aos companheiros mais ilustrados as elocubrações profundament: filo oficós que o nosso plebeísmo intellectual ás vezes não alcança e continuaremos na tarefa que nos impusimos.

Somos anti-parlamentaristas porque a luta politica é prejudicial ás reivindicações proletárias, que alcançadas, trarão mais felicidade á espécie humana.

E, para prova-ço, temos agora um vasto manancial de documentos: as discussões taquigrafadas do IV congresso geral do Partido Socialista Francés, que se effectuou em Tours de 2 a 4 de março do corrente anno.

O socialismo, como não ignoram certamente os que nos lêem, e, de sua própria essência, interna cionalista, não admitindo a divisão dos homens em pátrias e combatendo a ficção das fronteiras, que só servem para dividir artificialmente a humanidade.

Como consequência lógica do nosso internacionalismo, e mais ainda, porque sabemos que as guerras não feitas unicamente no interesse da burguesia, somos anti-militaristas todos os socialistas, a qual quer escola que pertençamos.

Somos anti-militaristas, e aconselhamos até a recusa ao serviço militar, por que sabemos mais que os quartéis são factores de degradação humana e a obediência passiva, exigidas dos militares avilta o homem moralmente.

Pois bem! coherentes com estes principios, os que redigiram o programma submetido á discussão no Congresso de Tours, no art. 10 desse projecto, estabeleciam: «Os deputados e os eleitos do Partido comprometem-se a votar contra todas as despesas para a esquadra e expedições coloniais», não fazendo com isso mais do que obedecer ao que já havia sido resolvido no Congresso socialista internacional, realizado em Paris em 1900.

Esse artigo, tal como havia sido redigido, foi suprimido.

Porque?

Porque Gabriel Deville, politicamente socialista o combateu com todas as suas forças, dizendo que não queria desinvolver o militarismo mas que era preciso não recusar os seus votos ás despesas militares justificadas pela necessidade da defesa do país.

Isto disse um socialista, e, para demonstrar que essas despesas são feitas unicamente para impedir que os proletários reivindiquem os seus direitos, o que fingiu ignorar Deville, bastará lembrarmos que ha pouco, no encontro havido em Petersburgo entre o assassino coroado Nicolau II e o rei Victor Emmanuel III, este propôs o desarmamento geral da Europa, conservando cada país tão somente as forças militares indispensáveis á manutenção da ordem no interior...

Disse ainda Deville, deputado socialista, que se contentava com a redução do serviço militar á dois annos.

Réveleu, respondendo a Deville, e sustentando o artigo proposto, que afinal foi rejeitado, porque os deputados não o queriam no programma, disse que os eleitos socialistas não deviam votar um vintém para as despesas militares porque o exercito é organizado, instruído e dirigido pela classe capitalista para assegurar o seu privilégio contra o inimigo interior.

Apesar desta profunda verdade, um congresso de socialistas rejeitou o artigo proposto.

Porque? Porque era preciso que se fingisse ter esquecido que Millerand, ministro-socialista, se havia servido do exercito para mandar espingardear grevistas em Marselha e na Martinica—grevistas que são os inimigos das boas e pacíficas digestões burguesas.

Continuaremos, porque o congresso de Tours, contribuiu ainda mais para sermos anti-parlamentaristas, não porque tenhamos aversão aos *castellos brancos*, mas porque vemos na luta politica parlamentar uma das causas principais do retardamento das reivindicações proletárias.

JEAN ROULE

Que faxia Deus antes da criação? Dormia? Velava? Se dormia durante toda a eternidade, estava morto; se velava, faltava alguma coisa á sua felicidade; se precisava de alguma coisa, não era Deus: se nada lhe faltava, para que criar o mundo?

Platão

Momentos de sinceridade

Dizem que a prostituição é um mal necessário. Seja como for, o remédio mais eficaz contra esse mal reside simplesmente nos meios de vigilância. O homem de policia que tem por missão vigiar as mulheres que vivem do amor, ficam ás vezes desorientados e andam ás apalpadelas, sobre tudo quando se estreiam nessas funções. Afim de prevenir erros, cremos que aos não-iniciados a quem o serviço obriga a aproximarem-se das mulheres de maus costumes podem ser de utilidade alguns conselhos. Quanto ás raparigas da classe baixa, não se deve recuar applicar o regulamento com todo o seu rigor. Mas assim não succede com as mulheres do mundo, as que apresentam um exterior decente e trajam um vestido dos mais elegantes. E' um facto de dolorosa constatação, mas delle, em todo o caso, importa fazer conta. Esta vigilância é muitas vezes difficil para a policia. Entre as mulheres d'esta última categoria, algumas se encontram vindas da boa burguesia e mesmo de mais alto. Graça á sua origem, podem exercer uma grande influencia sobre certas personagens de classe superior com as quais seria preferivel não entrar em conflicto. E' evidente que não se poderia censurar um membro da policia que tivesse cumprido escrupulosamente o seu dever; mas poder-se-ia guardar-lhe rancor e prejudica-lo aciniosamente. Nas questões de costumes trata-se, pois, de ser prudente e de usar de muita iniciativa.

Do *Policeman*, organ da policia belga

Reuniões e conferências

Hoje ás 8 da noite, no teatro Nasi, no Cambucy os camaradas Benjamim Mota e Alessandro Cerchiai falarão respectivamente sobre « Os produtos da terra e da industria » e « Capitale e Lavoro ».

Carroceiros e carregadores!

Amanhã, domingo, a 1 hora datardã, reunião na « Lega Democratica Italiana », á rua Florêncio de A breu, 76 A, para fundação d'uma Cooperativa de Trabalho, Produção e Consumo.

Ninguém falte!

NO CAFÉ

O Grupo « Filhos da Era Anarquista » tomou a iniciativa de fazer publicar um folheto de propaganda em português. Para isso, além das subscrições abertas aqui e no Rio, organizou o grupo uma festa — a do dia 7 de junho, no Casino Penteadado — que teve o desenlace que os leitores conhecem. A policia quis ali exercer o seu mister. E boa porção do cobre destinado ao folheto teve de ser gasto na multa, sem o pagamento da qual dois dos 3 camaradas presos não se livrariam das garras dos antedecores da desordem. Nunca \$0\$00 réis destinados a tão glorioso fim, foram dar a mais vergonhoso paradeiro! Ah! bem mal empregados!

Descansem, porém os camaradas — e este aviso é sobretudo dirigido aos do Rio — que o folheto será publicado. O *AL CAFFÉ*, de Malatesta, que se está traduzando, será em breve entregue aos tipógrafos. Para este resultado contribuiu o grupo « Nuova Civiltà » que se associou á iniciativa do grupo acima indicado.

**

Para tapar a brecha aberta nos nossos fundos pelos inimigos da ordem, iniciamos neste numero uma

Subscrição

A. Cerchiai	1\$500
Gallo Garnisé	1\$000
T. Boni	2\$000
Colombo	1\$000
Salino	\$500
A. Sandri	2\$000
Torti	2\$000
Gruppo Pensiero e Azion	10\$000
Piccolo	\$500
Total	20\$500

Secção livre

Aos Anarquistas e aos Grupos Operarios Socialistas-Revolucionários.

Sendo de urgente necessidade conhecermos o estado do movimento socialista revolucionário, especialmente o anarquista, no Estado de S. Paulo, e bem assim o estado de consciencia socialista dos nossos companheiros, julgamos acertada medida para alcançarmos tal fim a reunião de um congresso operário socialista revolucionário nesta Capital.

E, sujeitando a nossa ideia ao estudo dos nossos companheiros, propúnhamos, desde já os seguintes assuntos para a ordem do dia do congresso:

1.º — Estado do movimento nas diversas localidades do Estado. Ha consciências socialistas formadas?

2.º — Relatórios sobre a propaganda socialista-anarquista e socialista-democrática no Brasil.

3.º — As colónias anarquistas serão úteis como meio de propaganda?

4.º — Devem os socialistas-anarquistas trabalhar para a fundação das Universidades Populares e combater o alcoolismo?

5.º — Como intendeis a união livre?

6.º — Organização de propaganda e organização de classe.

Tais são as questões que sujeitamos ao estudo dos nossos companheiros, e de que, em relatório ao Congresso, podem tratar também os nossos companheiros de outros estados do Brasil e de Portugal.

As adhesões ao congresso devem ser remetidas por carta, em nome de grupos ou individualmente, afim de que se possam marcar os dias em que deverá fun-

cionar o congresso; e os relatórios podem ser enviados ao endereço abaixo, para serem impressos e apresentados ao congresso.

Para occorrer ás despesas do congresso e impressão dos relatorios fortunamente se marcará a *quota* com que cada adherente deverá concorrer. Aguardamos, pois, a opinião dos companheiros.

S. Paulo, Agosto, 1902.

A *Comissão Promotora*:

BENJAMIM MOTA
NENO VASCO
AUGUSTO DONATI
JUAN BAPTISTA PEREZ

NOTA — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seguinte endereço:

Neno Vasco
Rua Guilherme Maw, 38
S. Paulo - Brasil

Conheceis a Última incarnação de Vau-

rin, de Balzac.

Pois também o social parlamentarismo

é a última incarnação da burguesia.....

Nós

O congresso socialista

Esteve reunido há pouco em S Paulo o 2º congresso socialista brasileiro, no qual tomaram parte homens da mais reconhecida honestidade e sinceridade de ideias. Desse congresso foram excluidos todos os indivíduos que não concordassem com a luta politica, a conquista dos poderes públicos pela via eleitoral, que é dizer: foram excluidos os anarquistas.

Tanto socialistas como anarquistas extranharam essa exclusão, não só porque em S. Paulo não existe por emquanto um partido suficientemente forte para fazer concorrência nas eleições aos partidos chamados burgueses, mas ainda porque, nas lutas de propaganda não se havia feito até então entre esses dois partidos que pareciam trabalhar juntos, uma selecção propriamente dita.

Nós, porém, entendemos que os autores dessa exclusão andaram com muito acerto. Pois os congressos internacionais de Zurich e Londres principalmente, através das agitadas discussões e discordâncias que entre socialistas e anarquistas se levantaram, deixaram bem patente que, em questão de doutrinas, de principios, esses dois partidos nada podiam fazer juntos. Separa-os um abismo! As questões sociais, operárias, constituem hoje o prato do dia em todo o mundo da electricidade e do vapor. E o conhecimento da sociologia vai se tornando tão necessário ao homem moderno, como as primeiras noções da aritmética. Por isso é que em toda parte se fala tanto de reformas sociais, socialismo, etc. Mas, no meio destas manifestações de uma necessidade que se impõe, nós destacamos os maiores disparates, as maiores contradicções e incoherências de parte de indivíduos que, ignorando, não só os principios elementares da sociologia, mas ainda o A B C do socialismo, começam a intitular-se partidários desta doutrina e a fazer uma propaganda que só tem como resultado a desmoralização e falsificação das ideias que dizem estimar. E aqui, no Rio de Janeiro, é que este facto se dá de uma maneira mais accentuada.

Depois fazem uma amálgama, uma mistura híbrida, onde ninguém mais se entende.

Antes de se terem libertado das ideias velhas, antes de terem adquirido uma noção exacta e sucinta da nova ordem de coisas que querem estabelecer, antes de se terem salvado a elle os velhos das velharias do passado de que se querem libertar, querem já e atabalhoadamente salvar os outros, o mundo inteiro; e, consequentemente só podem preparar o caos, o abismo da desgraça onde salvadores e salvados virão a perecer.

Afinal da contas, este vicio, esta mania de querer salvar os outros sem que nem para quê, é na nossa raça uma doença atávica, uma moléstia hereditária; mas o que succedeu ao pobre homem que no começo desta era quiza salvar o mundo e não conseguiu salvar a própria pelle, deve servir de lição e exemplo a esses novos visionários.

É um verdadeiro crime, se crime pôde haver, dizermo-nos representantes de um partido e falarmos em nome de doutrinas que não conhecemos; não só porque deturpamos ideias que são caras a muita gente, mas ainda porque praticamos uma verdadeira cretinice.

Cada teoria, cada doutrina tem os seus principios fundamentais que constituem como que artigos de fé. O socialismo e o anarquismo, estas duas correntes enormes de ideias que tanto alarham os privilegiados do actual regime, também tem os seus. E por mais semelhantes que nos pareçam á primeira vista, doutrinas tais como as estabelecidas por Karl Marx, Guyau, Elisée Reclus, Kropotkine, Bacunine, Tolstoi, Spencer e Ibsen, Sterner, ou Makay, ellas diferem muito, sendo mesmo, em certos pontos, radicalmente opostas.

Na critica feita á sociedade e ás ideias dominantes é que todos se confundem mais ou menos; mas nas induções que tiram dessa critica e sobre as quais elaboram o seu sistema, os seus pontos de partida, é que se distinguem por completo.

E precisamente por isto é que nós dizemos que o socialismo (1) e o anarquismo são radicalmente opostos: o socialismo querendo fortalecer o Estado, e o anarquismo querendo destruí-lo.

Por outras palavras: o socialismo, querendo um governo forte, ao qual fiquem sujeitos todos os movimentos do indivíduo, e, e o anarquismo querendo o desaparecimento de toda a espécie de governo-autoridade, deixando o indivíduo entregue a si próprio em plena liberdade individual.

Não é nosso intuito precisar aqui, dos dois sistemas temas em questão, qual é que se acha mais de acordo com a época, a lógica e a razão. Deixarei isto ao cuidado e critério do leitor que os queira estudar.

O que não deixarei, porém, sem reparo, é o facto de, num momento em que os próprios defensores do regime imperante declaram fallido, caduco, grosseiro e irracional e sistema parlamentar, o suffragio, o voto de eleitor, neste momento supremo em que o regime que nos infelicitava decára fallidos e podres os seus esteiros, surgir um partido, uma teoria politica que se diz nova e redentora cujo ideal supremo são esses mesmos esteiros apodrecidos.

As doutrinas do socialismo de Estado, principalmente a partir do dia em que o socialista-revolucionário Millerand aceitou uma pasta no ministério da república em França de cadencia. Pois, estando no ministério dois desses senhores que aconselharam aos operários a resistência pela greve, foram os grevistas espingardeados pela troa em vários pontos da França. E ainda mais: Sendo ministros dois desses «soi-disant» amigos da liberdade, foi prohibido que em Paris se reunisse um congresso sociológico que tinha como iniciadores individualidades tais como Elisée Reclus e Jean Grave.

Mas o socialismo, mais ou menos adulterado, segue a sua marcha avassaladora. E se as coisas assim continuam muito não tardará que contra elle se tenham de erguer aquelles que querem ser senhores do seu Eu, possir-se e dispôr-se como entendem em.

O que no meio de tudo isto lamentamos sinceramente, é que nessas lutas estereis e contraproducentes de congressos e eleições se percam tantas e tão boas energias, quando o fundador da sociologia, Herbert Spencer, em sua obra «L'Individue contre l'État» publicada em 1884, já estabelecia, nestas palavras, a verdadeira marcha do liberalismo futuro:

«A missão do liberalismo no passado foi traçar limites ao poder dos monarcas; a missão do liberalismo no futuro será traçar limites ao poder dos parlamentos.»

Mas o socialismo quer aumentar até ao absoluto o poder dos parlamentos. E, por isso grita: Mais Estado que for possível!

Mas breve lhe começarei a gritar:

— Menos Estado que possível for!

Motta Assumpção.

Rio, II—VII—1901.

[1] O nosso Camarada refere-se ao Socialismo de Estado, claro é.

N. d. R.

Marceneiros!

Não atraigoeis os vossos companheiros do Rio, que estão em greve! Não acrediteis nas mentirosas promessas dos patrões? Ficai em S. Paulo!

Apontamentos

Cartas d'um pai

(Como elles se fazem homens)

«José:

«Muito estimo que ao receber esta gozes perfeita saúde, em companhia dos teus bons patrões. A minha, graças a Deus, é boa; só tua mãe é que tem andado adoentada e tua irmã Maria também não anda lá muito boa; já gastamos um bom dinheirinho na botica, e se isto assim vai, não sei o que ha-de ser de nós.

«Por isso é que tu deves fazer por ser homem para um dia ajudares teus pais. O teu bom patrão queixa-se de que estás um pouco preguiçoso agora, de que te demoras muito nos recados e já uma vez lhe respondeste mal. Olha lá o que fazes; olha se não segues os conselhos que nós te demos em casa. Deves respeitar muito os patrões, fazer-lhes todas as vontadinhas, nunca responder mal. Olha que elles são mais do que tu e se não és humilde, nunca chegas a ser homem, nem elles te estimam, nem tu podes ajudar os teus pais quando forem velhos. Os teus patrões são teus amigos porque até já te deram umas calças quase novas, como mandaste dizer e ainda te podem

dar mais e até aumentar o ordenado, se fores obediente, e andares ao seu mando, sem resmungar.

«Nem eu nem tua mãe acreditamos nas queixas que mandas na tua carta. Que tem lá que te levantes ás 5 e te deites depois das 10? Tens muito tempo para dormir. Se trabalhas todo o dia, melhor; assim é preciso para seres homem. Ou tu tens alguns rendimentos? Eu, quando tinha 11 annos como tu, já andava a ganhar a minha vida e aprendi á minha custa. Se o teu patrão te bate, é para o teu bem; olha que eu também levei muitas pancadas e abençoadas sejam as mãos que m'as deram, que agora é que eu vejo o bem que me fizeram. Isso das negras no braço não ha-de ser nada, isso passa; tua mãe é que tem a culpa de seres ainda muito mimalho. Se o teu patrão te bateu não foi só por lhe dizeres que não podia mais de cansado. Mais alguma fizeste, respondeste por ai com maus modos.

«Pois olha que não é pela educação que te demos, que nós bem te ensinamos a seres bem criado e humilde com os que são mais do que tu. Já tens idade para ter juizo; faz a vontade aos patrões, para elles te darem mais prendas. Olha se arranjas a pedir toda a roupa velha que elles não queiram; e se tiveres mais do que a precisa, manda para os teus irmãos pelo primeiro portador. Não des desgostos a teus pais; olha que somos muito pobres e que, se voltas para casa, aqui a vida ainda te sairá pior. E se os patrões te baterem e te vens cá queixar, ainda por cima apanhas outras.

«Aceita visitas de tua mãe e dos teus irmãos e a bençã de teu pai muito amigo,

Joaquim.»

«Senhor doutor:

«O que eu estimo é que estas duas mal traçadas linhas o vão encontrar de perfeita saúde em companhia de sua senhora e dos meninos e de quem mais deseja.

«Já escrevi a meu filho recomendando-lhe que tivesse juizo e que fosse muito obediente ao sr. doutor e a todos os seus bnos patrões e pedia ao sr. doutor que por esta vez lhe perdoasse, porque somos muito pobres e não podemos estar a mantê-lo em casa. Se elle fizer alguma coisa que não agrade a V. Ex.^a, faça-nos o favor de lhe bater, para que elle aprenda. Quem dá o pão, dá a educação, e eu também assim fui ensinado, e olhe o sr. doutor que elle não se atreve a vir cá com choradeiras, porque ainda apanha mais. Estamos-lhe muito agradecidos, sr. doutor, por tudo o que V. Ex.^a tem feito por nós e Deus lh'o pagará no ceu.

«Muitas visitas de minha mulher para a boa sr.^a D. Luiza, mais para os meninos e as mesmas d'este seu criado muito agradecido,

Joaquim.»

Substância do ensino: resignação, obediência, mendicidade, hipocrisia...

Do natural.

NENO VASCO

O homem que roda sobre um carro nunca será o amigo do homem que vai a pé.

(Do poema indu Maha Bhârata)

Sciência e letras

A Transformação

Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.

(Continuado do número anterior)

Repitâmo-lo: na natureza nada se perde.

Tomemos, por exemplo, uma gota d'água. Se a deixamos cair sobre um ferro em brasa vê-la-emos voltar silvando, e desaparecer em seguida. Desapareceu realmente? Aparentemente, sim; mas com certeza não foi aniquilada, e vamos prova-lo com a seguinte experiência:

Num quarto bem fechado, colocamos sobre o fogo uma panela cheia d'água. Fervendo, em breve a água será reduzida ao estado de vapor e é nesse momento que poderemos constatar que ella continua a sua existência, porque se tivermos feito a experiência num aposento cujas paredes foram pin-

tadas a óleo e podem, portanto, ser consideradas como impermeáveis á água, veremos o vapor descer em finas gotazinhas por essas paredes e pelas vidraças, resfriado pelo contacto com ellas. Se abrimos as portas e as janelas, a água que es-corría pelas paredes, evaporar-se-á em poucos minutos e sairá do aposento por todas as saídas.

Visto que a água, depois da primeira evaporação, não foi aniquilada, o mesmo succede d'esta segunda vez; mas o vapor, menos denso que o ar, subiu e formará, com os abundantes vapores dos oceanos, as nuvens que vemos flutuando lá em cima. Se essas nuvens, por um frio intenso, se mudarem em água, esta, mais pesada que o ar, cairá e voltar-nos-á em forma de chuva. E que papel vai desempenhar esta água na nutrição das plantas? Vai dissolver e liquefazer as matérias que encontra no solo, como a potassa, os fofastos, a cal, etc.; misturada depois com essas substâncias nutritivas, será absorvida pelas raizes e formará as plantas e os frutos. Por ventura a água não virá a ser, d'este modo, alternativamente vegetal, animal, homem? E est'último, respirando, transpirando ou segregando, não abandona os seus elementos líquidos ao ar que d'elle se apoderará de novo? Parece-nos que o papel da água na formação dos seres está sufficientemente demonstrado. Tratemos de tornar conhecido um auxiliar importantissimo da água: o ar.

Quanto ao que diz respeito á parte tomada pelo ar na formação dos seres vivos, parece cair um pouco menos sob os nossos sentidos. Entretanto, se queres, leitor, dar-te ao trabalho de fazer uma pequena experiência, esta vai convencer-te plenamente do concurso do ar na formação dos seres.

Na primavera ou no estio enche de areia branca ou de tijolos triturados dois vasos semelhantes semeia em cada um d'elles um feijão, humedece com agua e coloca um dos vasos num subterrâneo escuro, o outro ao ar livre, ao sol. Vamos ver, passados uns vinte dias: a planta que nasceu no subterrâneo será amarella e raquítica; a outra, criada ao ar livre será verde e provida de folhas fortes e sãs. Tiremos as duas plantas do vaso, façamos evaporar a água e os sucos que ellas podem ter bebido na areia e pesemos com cuidado o que restar de cada feijoeiro! Veremos que a primeira das plantas secas será inferior em peso á semente. ha, portanto, perda. Pelo contrario, a planta seca crescida ao ar livre ultrapassará o peso da semente. D'n'e, esse excedente? Deixamos evaporar a humidade sugada pelas plantas, porque está fora do cálculo. E' pois, evidente, que este excesso em peso deve provir do ar respirado pela planta e da acção da luz solar.

Resta-nos dizer onde a primeira das plantas sorveu a matéria necessária para crescer. Achou-a a própria semente inchada primeiro pela humidade e feita, em seguida, germinar pelo calor. Foi, pois a fécula de que a semente é composta que forneceu a matéria nutritiva durante o primeiro período de crescimento. Vimos igualmente a clara e a gema servirem para formar o pintalinho na casca. A nossa experiência demonstra, pois que o ar e a luz assim como a água contribuem para produzir os vegetais, e por consequencia para a formação dos homens e dos animais.

Ora estes, uma vez mortos, entram a de com pôr-se, e o solo, a agua e o ar apoderam-se de novo das substancias que tinham emprestado para construir esses seres. E' assim que se verifica este principio primordial: Na natureza, nada se cria, nada se perde, mas tudo muda continuamente de forma, de aspecto. Todo o ser volta ás matérias de que foi formado. E essas matérias ficam perpetuamente disponiveis, prontas a formar novos seres, ou immediatamente ou passados séculos. Porque a matéria é eterna: durará e servirá para sempre, nunca se renova, é o que sempre foi; continuará a ser eternamente o que é hoje; Nada se perde, nada se cria.

Caro leitor, hesitarás ainda em admitir que os nossos avós possam achar-se em nós e sem volta de nós, flutuando no ar que nos rodeia e que res-piramos, dormitando nas aguas, repousando em forma de terra, mas sempre prontos a formar as «nossas gerações futuras»? E, queiros, ou deixes de querer, leitor, os mesmos alimentos que engulimos servilam já a milhares d'outros homens e de animis.

Concluindo, afirmamos:

A existência eterna da matéria e as suas incessantes transformações; não ha «criação» no sentido vulgar da palavra, isto é, o acto de produzir qualquer coisa do «Nada»; nunca a houve e nunca a haverá.

UM SOCIALISTA DE GOSSELIES

O nosso interesse nunca está em desacordo real com a verdade.

Eugénio Carrière

Brevemente percorrerá algumas localidades do interior, o redator d'esta folha, Alessandro Cerchiai.

Fuori dei Torchi

Fra Contadini di E. Malatesta — edizione a cura del Gruppo Nuova Civiltà. (Rua Libero Badaró n. 82, S. Paulo).

I nostri compagni del Gruppo Nuova Civiltà nel ridare alle stampe il non mai fuor di luogo *Fra Contadini*, hanno creduto bene commentare alcune intenzioni dell'autore.

Non volendo, o forse come essi dicono, « non potendo sottoscrivere pienamente all'intera concezione malatestiana » a pag. 7 han creduto utile moncare il concetto dell'A. « Malatesta dice Socialisti forse per non urtare troppo sodo nel pregiudizio popolare; è un opportunismo e potrebbe anche in certi casi giovare ma noi non crediamo buono *tuttocì che è utile* e quindi andiamo senza esitazione allo scopo (quale?); Malatesta ci perdonerà » Esostituiscono all'appellativo sostanziale « Socialisti », Anarchici.

A parer nostro gli amici editori han preso una cantonata e di quelle così deplorevoli, che disgraziatamente vanno generalizzandosi fra gli anarchici d'Italia.

Crede che a dirci Socialisti sia opportunismo, è proprio mancanza di concezione e tantopiù qui al Brasile, che i pericoli di una repressione sono così lungi dal non destar sospetti.

Perchè se è, se fosse semplicemente opportunismo, non avremmo noi dell'Amigo do Povo sentita la necessità di presentarci al pubblico, con un programma che dice: « chi siamo? »

Noi siamo Socialisti!

Oggi che del Socialismo se ne è fatto una materia da cattedra e che ogni schiavista o dominatore non disdegna chiamarsi socialista, noi, i Socialisti veri, avendo come fine e come mezzo l'anarchismo, dobbiamo rivendicare quest'appellativo.

E che questa necessità non è un passo indietro, come credono alcuni, ricorderemo che il 18 Novembre 1894 dando alle stampe il primo numero del primo giornale Anarchico pubblicato in S. Paulo, *L'Avvenire*, dicemmo: « anzi tutto siamo socialisti » e dopo di aver dimostrato che è il Socialismo che commuove ed agita, dimostrammo anche allora che gli unici, i veri Socialisti, siamo noi, gli anarchici.

Lo riconoscono oramai, tutti gli avversari in buona fede; lo riconosce Bebel nel suo libro «La donna e il Socialismo»; in tutte le occasioni che si presentano, lo riconoscono gli stessi Democratici sociali e lo deve sapere il popolo, la nostra classe.

Perchè certi borghesi sentimentali od astuti si chiamano Socialisti, dovremmo far come quello che perché ammalato un occhio, si tagliò la testa?

No, amici carissimi; la nostra è una doverosa rivendicazione, e tocca proprio ai mistificatori del Socialismo, a rinunziare a quell'appellativo.

Il Socialismo, senza l'Anarchia, non è socialismo; chi non è anarchico, non può dirsi socialista.

Ma mentre di per se stesso il Socialismo è anarchico e non dovrebbe sentire il bisogno di nuove aggiunte per esser ben determinato, l'anarchismo senza il Socialismo è

la negazione più assoluta di quei principi che hanno ispirato gli amici del gruppo editore a ristampare il *Fra Contadini*.

L'Anarchismo assoluto, che ha trovato in Max Stirner, in Eberto Spencer, dei lombi potentissimi per manifestarsi come tesi scientifica come Idealità sublime, è ridicolo, è insensato quando si vuol far plebeo e scender fra le masse.

Il sogno di Stirner, è sublime, è immenso, ma fin che si svolge fra le schiere aristocratiche di quegli uomini potenti; il sogno di Spencer, è formidabile e giganteggia, quando critica il sistema moderno di vita. Ma quando quei maestosi sogni si vogliono trasportar fra noi e farli viver di vita reale, non trovano dei Malatesta, che dicono *buono tutto ciò che è utile*; non organizzeranno le masse dei produttori, che chiedono il pane e solo dalla organizzazione lo possono ottenere; non avranno gl'improvvisati tribuni, che sollevano le masse: non avranno il popolo che li comprenda.

L'anarchismo, è l'ultima manifestazione umana; è la quintessenza dell'individualismo; e quando noi diciamo «La nostra libertà ha limite laddove comincia la libertà dell'altro», l'anarchismo, sfonda la porta e grida «largo al più forte!» I compagni del *Gruppo Nuova Civiltà* non sono di questi, quindi debbono con noi deplorare la cantonata presa.

AUGUSTO DONATI

Dichiaro esser pienamente d'accordo nell'idee generali svolte qui sopra dal Donati.

NENO VASCO

Falegnami!

Non andate a Rio de Janeiro ove i vostri compagni sono in sciopero.

Note e Informazioni

Anarchici per... forza — Alcibiade Battelli e Lorenzo Monaco, redattori dell'*Avanti!*, si prefissero una gita di piacere in Italia. Ma avevano fatto i conti senza... il permesso del Sig. Ministro libe ale.

Erano tutti intenti ad osservare quella benedetta lanterna che tutti desideriamo vedere, quando s'accosta al piroscalo un canotto della polizia del porto. Dopo le formalità d'uso, i nostri amici vengono avvicinati da un delegato guarnito da una striscia tricolore e:

Sig. Monaco, Sig. Battelli, *in nome della legge siete in arresto.*

La scena è muta, ma espressiva; Monaco diviene più piccino di quanto è sempre stato, incrocia le mani e guarda il Battelli che a sua volta, allunga il muso, spalanca la bocca ed appena gli riesce pronunciare un *Eh!!!!*

... Via, via! non facciamo i nuovi! Loro san benissimo di che si tratta e...

... Scusino signori della legge; loro han preso un granchio e...

... e sia, ma abbiano la bontà di favorirci i loro polsi e di accompagnarci a S. Andrea. La vedremo se sarà un granchio od una triglia.

... A S. Andrea? Ma noi vogliamo andare ad abbracciar le nostre mamme. Io vado a Bologna e lui a Torino, quindi...

... Ah!... Bologna? Torino? Altroché; credete forse non si sappia chi siete e con quali tristi propositi siete venuti in Italia, eh!? avanti, avanti! meno chiacchiere,

... Ma insomma; si può sapere perché ci volete legare come capretti al mercato e condurre a S. Andrea?

Facilissimo; la stazione di P. S. di S. Paolo, ci ha comunicato che voi siete

anarchici pericolosi; che venite in Italia per assassinare S. M. il Re Umberto I e che...

... Ma che anarchici d'Egitto! Noi non siamo che socialisti, nemici di ogni e qualunque forma di violenza. E ci stupisce come in Italia, retta oggi da uomini che meritano tutta la stima e la fiducia dei nostri compagni deputati ed a... deputare s'abbia così alla leggera ad arrestare dei pacifici cittadini.

La scena continua ed il giorno dopo l'*Avanti!* di Roma scrive:

«Due nostri compagni provenienti dal Brasile, sono arrestati a Genova come anarchici.

«Abbiamo ripetuto mille volte che i socialisti non hanno nulla di comune con gli anarchici; ed è l'ora di finirli con questi odiosi equivoci.

«La polizia, apra bene gli occhi, o ci troveremo nel caso di denunziare il trattato di pace.»

**

Progredendo!

Il governo di Campos Salles, resterà memorabile per la magnifica trovata dei *sellos*. Le scarpe, i salami, i cappelli, l'aringhe, gli ombrelli, le ciabatte e qualunque altro oggetto che può nominarsi è soggetto a *sello*. Non vi sarebbe nulla di strano, se almeno si avesse poi un frutto qualunque di questi denari estorti così bonariamente al povero popolo. Ma invece di miglioramenti, morali od intellettuali, PER MANCAZA DI FONDI SONO STATE SOPPRESSE 84 SCUOLE NELLA PROVINCIA DEL PARANA'.

**

E già che siamo a parlare di soppressioni, ci capita il bello di parlare anche di quella del... domicilio coatto.

L'on. Giolitti, l'uomo della situazione moderna; colui che sebbene monarchico ha compreso il momento storico che attraversiamo, ha deciso di presentare al parlamento italiano, una legge per l'abolizione del domicilio coatto.

Sicuro! chi ci guadagnerà, sarà proprio P. Calcagno e tutti quei maledetti anarchici d'Italia che ancora non vogliono capire il beneficio della «benevola aspettativa» (non è tua Ape, è dei millerandisti della tua patria).

Però mentre verrà abolito il domicilio coatto, verrà istituita la RELEGAZIONE DEI RECIDIVI PERICOLOSI LIBERATI DAL CARCERE.

E questa non sarà zuppa, ma pan bagnato.

Calcagno dunque sarà cacciato dal domicilio coatto e mandato in libertà, cioè, alla relegazione.

Ah! pezzi di porci!

**

L'Arcangelo Gabriele ha fatto squillare la sua tromba, e mentre i pigmei si scuotevano da tanta eco, l'arcangelo tuonò: *resurrexite!*

Le turbe, quella miriade di generazioni aspettanti da secoli il nuovo destino, ascoltavamo impazienti, ma la delusione non si fece aspettare, e le rane delle vicine *varzeas*, gracchiarono con maggior entusiasmo.

L'arcangelo si contorse in tutti i versi, ma a mio giudizio (troppo implacabile?) parafrasando il Turati, fra la baionetta innastata sul moderno strumento di distruzione e la scheda elettorale; fra una parola di pace, ed una di guerra, partorì un bellissimo xi.

Innanzi tutto, mi buono arcangelo, chi t'ha dato il permesso di parlare in quel modo, in nome del proletariato? Non sai che anche i terribili anarchici fanno parte di quella massa che tu pure chiami proletariato? Un'altra volta, vedrai che tirata d'orecchie ti senti arrivare. Parla per il P. S. D. B. e lascia stare il resto; intendiamoci.

E veniamo a bomba.

Il caso presente, servirà d'insegnamento ai nostri affini del... ministerialismo che cocciuti come asini, vogliono riconoscere nella situazione presente, la possibilità di buone conquiste proletarie.

Ai compagni, agli onesti di tutti i partiti, il compito che le spetta.

Gruppo «NUOVA CIVILTÀ»
I compagni appartenenti a questo gruppo, sono invitati alla riunione che avrà luogo giovedì 21 c. m. nel solito locale.

IL SEGRETARIO

Molti amici od avversari ci domandano perché non abbiamo risposto alla domanda rivolta dall'*Avanti!*

Francamente diciamo, non ne merita il conto.

Rispondere a che? Al come agimmo accusandoli di aver *trafficato nella politica italiana*? Ma santo iddio! Se i nostri affini leggono male l'italiano e peggio il portoghese, la colpa non è nostra. Donati, nel suo articolo *Remember*, ricordava fatti svoltisi in un'epoca in cui nessun giornale socialista veniva pubblicato al Brasile, ed i redattori dell'attuale *Avanti!* erano redattori di quei due giornalacci che oggi l'*Avanti!* stesso, prova esser stati sempre prezzolati ed appartenenti a quella risma che Niceforo chiama «Una nuova forma di brigantaggio».

Riconosciamo — se occorre dirlo — che avremmo potuto fare a meno di rigettare in faccia quel passato, ma non riconosciamo davvero falsato quel che abbiamo scritto.

Del resto, se l'*Avanti!* vuol trovare in noi degli... avventati, si provi a smentire categoricamente qualche delle nostre affermazioni, e se del caso, riterremo sull'argomento.

**

L'*Avanti!* ha iniziato una campagna formidabile contro i consoli-spia ed il servizio di spionaggio politico all'estero.

Noi, i *pericolosi anarchici*, plaudendo all'opera utilissima e morale degli amici dell'*Avanti!* teniamo a dichiarare che se il sig. Ispettore di P. S. vuole dei particolari sulla nostra vita privata e pubblica; se vuole un elenco più completo di anarchici da sorvegliare, può dirigersi alla nostra redazione ove avrà tutte quelle informazioni precise che le occorrono.

**

Attentati.

Tobia Boni, in un sol giorno ha attentato alla vita del gran-turco e dello czar.

L'umo dalla mezza luna, ha promesso una buona mancia a chi potrà indicare alla polizia il terribile anarchico che si dubita siasia rifugiato a Napoli.

Così i giornali.

Noi che di buone mance ne abbiamo bisogno estremamente per sopperire alle spese di tipografia, consi di compiere un'azionaccia, siamo disposti a consegnare legato mani e piedi il terribile anarchico. Ci si dia una caparra e Boni le sarà consegnato.

**

In Barcellona è stato proclamato lo stato d'assedio perché i NON VISTI hanno di nuovo iniziato l'agitazione di piazza per un miglioramento di condizioni.

A quegli eroi, il nostro saluto di solidarietà.

**

Io so che il C. D. D. P. S. D. B. ti ordinerà la pubblicazione di qualche migliaio di elettori; *Os bachareis* non han bisogno d'altro. Ma per allenarti, hai proprio bisogno di andare laddove non puoi esser compreso? Eppoi, che diavolo c'entravano i cannoni, le baionette, la rivolta, la coscienza proletaria, con la scheda elettorale?

Evvia, vuoi prendere in giro anche quando tieni delle conferenze in pubblico? Non ti basta il tuo «Avanti e indietro» dell'*Avanti!*? Quella confusione di argomenti diversi, non ti bastava, e volsti — guarda che ingenuità — fare della controversia.

Da quelle tue obiezioni alla presa di possesso del governo, un fatto, ed assai chiaro, risultato, ed è che tu, come tutti il D. non hai capito un corno del perché noi Socialisti Anarchici siamo anti-parlamentaristi.

Infatti sembra che per noi, Millebrand, sia il cavallo di battaglia per farvi, dell'opposizione mentre per noi ed è bene tu lo sappia, quel fatto, come la tendenza riformista capitanata dal Turati in Italia, non è altro che l'effetto. E se ogni effetto deve aver censeguentemente una causa, ne risulta chiaro che la nestra ragione dell'astensionismo, non è la, ma alla causa.

Ed a prova di questo, potrei ricordarti che ancora prima che Millerand fosse al governo: prima che una frazione del P. S. D. I. si schierasse per le riforme borghesi, noi avevamo fatto capire il pericolo,

e dopo, non facemmo che constatare quello che già avevamo detto.

Tu caro ed amato arcangelo, non vorrai crederci per tanti *fiticeiros* e sai pure che non facciamo il giuoco della Sibilla.

Ora, se noi avevamo prestabilito quel che è successo, ci sembra che era un calcolo matematico e coi calcoli matematici tu lo sai non si scherza.

Da qui capirai che il male non sta nel *manego* e che quindi dare ad intendere delle corbellerie della portata di quelle dette al teatro Nasi, è un giuoco che può riescir bene una volta sola.

Parla, parla pure della necessità di partecipare alle lotte elettorali; dai pure a bere che è con la presa di possesso del governo che si può avere il trionfo vero della causa del proletariato; ma lascia in pace le obiezioni che vengono mosse a quella tattica o se vuoi sfatarle — e puoi provarci — prima studiale; imparale a conoscerle e poi... fattele ripere da qualche anarchico che si troverà presente alle tue conferenze.

**

Quanto è buono il nostro Re! Di accordo con Zanardelli — l'uomo dell'art. 248 — ha soppresso la catena ai forzati.

E Beppino Gaia, ha plaudito non al re, ma a Vittorio Emanuele!

Che forse abbia da scontare qualche 30 anni di galera anche lui?

In questo caso, ha fatto benone.

**

Sono circa quattro o cinque mesi che il compagno T. Boni ha messo a disposizione di questa Redazione la somma di 29\$500 da lui ricevuti per la vedova Bresci.

Noi quando riceveremo — come ci è stato promesso — il resto di quell'antica sottoscrizione, invieremo quella somma a chi di diritto.

E ciò per chi non lo sapesse, o non lo volesse sapere.

Preghiamo caldamente coloro che per caso possedessero qualche esemplare dei giornali qui pubblicati, cioè: *l'Asino Umano* — *La Giustizia* — *La Bestia Umana* — *L'Operaio* a volere inviare un esemplare che ci servirebbero molto per essere riprodotti nel relatorio che siamo intenzionati pubblicare.

livros e folhetos

Vendem-se nesta redacção:

«A Sociedade Futura», por Jean Grave... 3\$000
Pelo correio, registado... 3\$500
«Carta a Pio VII», por Talleirand... 500
«Entre Camponeses», por E. Malatesta... 400
«A minha defesa», por I. Etiévant... 300
«Escravidão antiga e moderna», por E. Araújo 500
«A moral anarquista», por Kropotkine... 500

Em italiano:

«Senza Patria» (scene sociali) di Pietro Gori 600
«L'Anarchia», di E. Malatesta... 500
«I Delitti di Dio», di S. Faure... 300
«I prodotti della Terra e dell'industria», di Eliseo Reclus... 200
«L'Espropriazione di P. Kropotkine... 100
«La Peste Religiosa di G. Most... 100
«Il Primo Maggio». Suo passato e suo avvenire 200

Em italiano e espanhol:

«El Cancionero Revolucionario»,... 300

Excellentes traduções

No Rio de Janeiro, vendem-se, além d'essas obras em português:

«Germinal», por Emilio Zola... 3\$000
«Determinismo e responsabilidades», por A. Hamon... 1\$500
«A Igreja e o proletariado», por H. Salgado 400
«Pedidos a J. Motta Assumpção, rua dos Invalidos 24 (Villa Ruy Barbosa).

Al prossimo Numero

Da Londra.
Consoli, poliziotti e spie.
Sante Ferrini spia?
Cooperative di Consumo
Sottoscrizione

Operai Falegnami!

Non partite per Rio. Rimanete.

